

TANIA MARA GALLI
FONSECA



Schwanke,
vestígios de um cometa

RESUMO

Este texto, versão revisada de parecer atribuído à dissertação *Perfis de Schwanke: Catalogação da obra em acervos institucionais*, trata de oferecer alguns sentidos ao segmento *Perfis* da obra do artista, através de conceitos da Filosofia da Diferença. Reitera a função crítica do artista e seu amor fati, dando a ver a vontade de potência para a criação de novos mundos e novos olhares.

PALAVRAS-CHAVE

Schwanke; Tempo; criação e subjetividade.

SCHWANKE, VESTÍGIOS DE UM COMETA

Vestígios de um cometa poderia vir a ser um bom título ao trabalho de catalogação das obras de Luiz Henrique Schwanke, empreendido por Alena Rizi Marmo, em sua dissertação de mestrado construída nas pegadas, nos vestígios, enfim, naquilo que podemos chamar de Obra do artista. Entretanto, é preciso dizer que toda obra de arte, antes de ser tudo, apenas fala algo dos silêncios que ainda guarda. Obra-reservatório, rastro de uma “experiência insólita, que desapossa o sujeito de si e do mundo, do ser e da presença, da consciência e da verdade, da unidade e da totalidade – experiência dos limites, experiência-limite, dirá Bataille,” segundo nos informa Peter Pál Pelbart.¹

O título conferido pela autora – *Perfis de Schwanke* –, mostra-se sugestivo. Ele acopla o duplo sentido que nos permite tomá-lo do mesmo modo como se percorre, com os dedos, uma fita, em seus dois lados: como referência identificatória de uma seriação da própria obra e como nomeação de um certo atributo do artista de fazer-se múltiplo nas incessantes manifestações expressivas de um mesmo tema. Os *Perfis-obra-os perfis-de-Schwanke* sempre prontos a funcionar como dobradiça, cuja natureza dupla relança sem cessar, um no outro, criador e criatura. *Perfis* em série, com tendência ao ilimitado recomeçar do mundo e a fazer do artista uma espécie de homem pouco comum, absolutamente criador, *um grande Amnésico*, como nos diria Deleuze², protótipo de um homem que seria quase um deus ou um enorme ciclone. Tratar-se-ia, neste caso, de vir a recriar o mundo, não de criá-lo, de um recomeço e não de um começo, entendendo-se que o presente é tudo o que temos de sobrevivente da primeira origem e que é desde nossa atualidade que podemos lutar e que, tudo, enfim, pode recomeçar. Nascimento e renascimento, nova e estranha dobradiça de nenhuma porta, mas presença inexorável de todas as dobraduras formadas pelo processo em que viver também significa o morrer constante. Em todo renascimento, supõe-se a ocorrência de uma catástrofe. Não nos basta, pois, que tudo comece. O trabalho do tempo e da duração nos conduz ao processo, sendo necessário que tudo se repita, uma vez encerrado o ciclo criador das combinações possíveis. O segundo momento, o do recomeço, momento em que todos nos situamos na ilha deserta de nossa existência, não é aquele que sucede o primeiro, mas é o reaparecimento daquele; ele nos dá a lei da série, a lei da repetição, da insistência em vir a existir.

Perfis insistentes, repetidos e, contudo, sempre diferentes. Séries pertencentes ao tempo do eterno retorno, cujo imperativo ético insiste na idéia de que “cada uma das

¹ Pelbart, Peter Pál. *Voices da desrazão no teatro da loucura*. Texto digitado, 2005.

² Deleuze, Gilles. *L'île déserte*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2002.

minhas ações deve ser escolhida do interior das limitações que eu sou, como se isso devesse retornar eternamente”.³ Trata-se de afirmar ser muito menos importante o que retorna do que o retorno, o escoar, o fluxo, a afirmação do tempo enquanto tal. Nas séries de Perfis, o que é afirmado é o devir e o revir como ser do devir, não importando tanto o que devém, mas o próprio movimento inexorável do tempo. Nesta perspectiva, nada há além do devir. Não existe absolutamente nada transcendente ao tempo e as repetições não buscam o mesmo e o idêntico, mas insistem e se insurgem como um cuspir fora o veneno da permanência, da subsistência, do núcleo identitário e representacional. Elas são forjadas pelo esquecimento, pelo elemento informe e pré-individual que atíça todas as formas evoluídas, fazendo-se uma das abas daquela dobradiça do tempo. Repetições como expurgo, como cura e como capacidade de afirmar um querer, uma crítica e um desvio. Crítica e clínica, *amor fati*, para além da noção de amor resignado ao destino, mas como sua aceitação e daquilo que com o devir devém. Repetições que têm no devir sua única subsistência e que, ao mesmo tempo, são o contrário de toda a subsistência. Cuspir fora o rancor contra o tempo, ressentimento pela inscrição do humano no regime finito-ilimitado, contrapor-se a essa vontade de fugir da finitude incontornável do humano, criar possibilidades de transformar o destino em objeto da vontade e desejo. Sim, os Perfis de Schwanke, expressos através das Caras, das Linguarudas poderiam vir a ser re-unidos por um tênue fio, como se o primeiro se apresentasse tão somente como uma possibilidade, uma espécie de resolução parcial de um dado campo de forças em ação, e que se tornou, entretanto, muito pequena e estreita para todo o intensivo que necessita expressar. Uma ponte frágil para a passagem de tamanha carga. Cada Perfil, neste sentido, fracassa em sua ambição expressiva e precisa deixar-se virar e desdobrar, para dele mesmo, variar, fugir e recompor-se em outro que, por sua vez, também cairá. Sendo muitos, todos formam o Uno da obra, sem, contudo, nos permitir configurar o uno e total.

Como tema, os Perfis podem ser considerados o que Deleuze denomina de personagem conceitual⁴ operadores de movimentos que descrevem o plano de imanência do próprio autor, intervindo na própria criação. Assim é que pensamos os Perfis, como personagem conceitual de Schwanke, não o seu representante. Ao contrário: admitimos que Schwanke tenha se tornado somente o invólucro de seu personagem conceitual, sendo este os seus heterônimos e, o seu nome, Schwanke, o simples pseudônimo de seu personagem. O destino do artista foi o de tornar-se seu personagem, tornar-se o seu próprio devir. Uma terceira pessoa subjacente, um real agente de enunciação, um signo que força a pensar e a criar. Um artista a serviço do impessoal.

As forças que se despreendem de suas Caras e Linguarudas, como às vezes o próprio artista denomina seus Perfis, mostram-nas habitantes do paradoxo de seu espírito, saltam de seus gestos devido a um processo de saturação das forças pulsionais. Cegas e mudas, as forças encontraram na figuração possibilitada pelos Perfis uma linguagem articulável, capaz de dar sentido ao informe: as Caras, as Linguarudas

3

Giacóia, Oswaldo. Entrevista. In: Cadernos de Subjetividade/ Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do PPG em psicologia Clínica/ PUCSP, v.2, n.1-2, mar/ago – set/fev. 1994. p. 14.

4

Deleuze, Gilles e Guattari, Félix. O que é Filosofia? Rio: ed. 34, 1992. p. 85.

poderiam vir a ser pensadas como inscritas nos processos de rostificação de que nos fala Deleuze em Mil Platôs.⁵

...um rosto: sistema muro branco-buraco negro. Grande rosto com bochechas brancas, rosto de giz furado como olhos como buraco negro. (...) O rosto não é invólucro exterior àquele que fala, que pensa ou que sente. (...) Os rostos não são primeiramente individuais, eles definem zonas de frequência, delimitam um campo. (...) lugares de ressonância ...Um rosto constitui o muro do significante, o quadro ou a tela. O rosto escava o buraco de que a subjetivação necessita para atravessar, constitui o buraco negro da subjetividade, como consciência ou paixão, a câmera, o terceiro olho.

O trabalho do artista pode ser pensado como o de rostificação. O próprio artista, neste caso, deve ser transformado em máquina de rostidade, artesão de rostos moduláveis, plásticos e vulneráveis à passagem das forças, rostos-suportes das ações das potências de criação, tal como solo que se deixa sulcar pelos arados que o percorrem e modulam e que revela sua potência e fertilidade ao ser sulcado. Tais rostos podem ser vistos como a cara do mundo, para além da face humana, voltados para um mundo imaterial em cujas dimensões circulam elementos inefáveis capazes de produzir cada obra como um ser de sensação, esculpida do modo como foi inspirada a escultura do Cubo de Luz, obra apresentada pelo artista na Bienal Internacional de São Paulo de 1991. No percurso de sua fortuna crítica, as palavras de Charles Narloch nos levam a pensar:

Poeta da luz, Schwanke pôde ver muito além do que quaisquer dispersões luminosas visíveis a um olhar desatento. Para ele, ver era divagar entre sentidos e sentimentos. (...) Quais são os segredos contidos em cada obra? Quem viver , um dia verá⁶.

A obra de Schwanke só pode ser vista através de um olhar que consente em torcer fundo x figura, de modo a visibilizar algo do que foi primeiro, magma em que estamos todos mergulhados, inconsciente total que difere daquele vivido-recalcado da memória de nosso “eu”. Inconsciente virtual, caótico, acelerado, pulsional, “não concebido como entidade intrapsíquica, mas como agenciamentos coletivos de enunciação, rizomas heterogêneos ao longo dos quais circulam nossos desejos e pelos quais se lançam e relançam nossas existências”.⁷ Inconsciente das pulsões, aberto sobre a História, horizonte sem fim do transcendental. Complexidade e redemoinhos do próprio mundo, mundo, entretanto, por vir e que não se reduz à soma ordenada ou bem articulada dos estratos históricos. Mundo-tempo, reserva infinita, transmundo.

4

5

Deleuze, Gilles e Guattari, Félix. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. v. 3. Rio: Ed. 34, 1996. p. 32.

6

Narloch, Charles. Schwanke, o poeta da luz. In: Jornal A Notícia. Joinville. 26/nov/2001. apud, Marmo, Alena Rizi. Perfis de Schwanke: Catalogação das obras em acervos institucionais. Dissertação de Mestrado do PPGAV/UFRGS. 2005.

7

Lévy, Pierre. Plissê Fractal. In: Cadernos de Subjetividade. O Reencantamento do Concreto. São Paulo: Hucitec, 2003. p.25.

Caras informes. Elas possuem os olhos para além do humano, e, em seu avesso, colam-se ao universo caótico das potências vitais que habitam o vivo. E, Schwanke nos permite viajar em suas costas, através de seus gestos nos conduz a regiões inóspitas, de difíceis trilhas, escuras e, delas voltamos impressionados, enquanto ele, certamente sempre teria voltado exaurido, de olhos vermelhos e vivendo as vertigens para o próximo salto.

Em *Os Sertões*, Euclides da Cunha vai nos mostrar Antonio Conselheiro como um efeito de uma específica geografia e de uma particular forma de tensionamentos e conflitos. Perguntamo-nos, então, nessa associação livre que nos ocorreu, sobre Schwanke e Joinville. E, é aí mesmo que nos permitimos podemos associar sua figura como alguém que vem mostrar algo para além da cidade organizada e da vida pequena. Nos ruídos de seus Perfis, nas palavras não ditas pelas Linguarudas, nas Caras enviesadas, Shwanke esburaca outras funções, luta contra as formas dadas, resiste no sentido de re-existir, de traçar linhas de fuga a partir daquilo que ali está posto, luta contra o seu presente. Em outras ocasiões, retrabalha os plásticos, os materiais, as apostilas, os cadernos, a própria obra de arte, como se estivesse a nos dizer ter sido aquela, que contemplamos, apenas efeito de uma resolução parcial, e que, ainda, contudo, pode/deve ser torcida e deformada. Desacralizando a figuração dada, Schwanke não poupa sequer alguns artistas canônicos. E, é nos ímpetos da desconstrução que ele se mostra construtor, tecendo novos mundos a partir de elementos que extrai daquilo que está posto e já feito, fazendo-nos ver que coloca no centro de seu trabalho, o próprio devir e a *diferençação*.

Devir que obtém pela saturação de forças em tensão que o levam não a buscar uma cura e uma solução, mas uma saída: uma saída a cada explosão, Seu trabalho, cada um deles, pode ser visto como resolução de uma particular luta, de uma particular agonística de si consigo mesmo e contra o seu próprio presente, pois sua obra pode ser situada no entre -imagens, sendo que somos levados a explorar suas caras repetidas no entre-elas, e, da mesma forma, as citações que produziu a respeito de Mondrian e outros artistas. É no entre, na vaga ainda existente que ele espreita para extrair novo sentido, situado naquele espaço-tempo de onde podemos estranhar o que vemos e lançarmo-nos para outras visões. Não representativo, ele embaralha códigos, funde tempos e se faz, mesmo na morte, presença.

Como corpo-de-passagem para o seu tempo, ele se oferece para dar-lhe linguagem expressiva. Deixa-se devastar e, este, poderia vir a ser entendido como o fio estruturante de seu viver e fazer: o *amor fati*, amor à sua destinação de tornar visível o invisível e daí abrir condições para um além do humano.

De uma forma especial, pode-se pensar que o artista Schwanke não só esteve à altura de seu tempo, como o produziu. Nos tempos dos anos 80, de aberturas e questionamentos, Schwanke fez-se um efeito generoso e dilatado de tais tendências, evidenciando, sem buscar, questionamentos ao instituído. Sua memória precisa ser cultivada como um homem que viveu o intempestivo e, por isso mesmo, sempre esteve deslocado de seu presente,

não se encaixando nos padrões do mercado da arte. Não esteve, entretanto, sozinho. Embora raros, em qualquer tempo, encontraremos outros artistas que deram as mãos ao devir, que operaram passagens de modelos, que arrombaram as portas de nossa percepção quando nos mostraram algo para além de nossos sentidos, para além de nós próprios. Artistas cuja obra consiste em arruinar nossas certezas sobre o que somos e sobre o que pretendemos ser. Talvez possam mesmo ser considerados como inimigos das certezas e distinções de nossos pequenos e estreitos mundos. Talvez, como nos diria Edson Passetti, possam ser considerados como amigos, por se revelarem exatamente como nossos piores inimigos. Tais homens especiais, mostram-nos um mundo repleto de encruzilhadas, revelam-nos que a perda é irreparável e que não se pode amar com acomodações regulares. “No amor, pode reluzir a compaixão. Na amizade, ao contrário, ainda que tomada de amorosidade e lidando com paixões, há um pacto de vida (...)”⁸

Schwanke tornou-se uma espécie de dobra de seu tempo, uma interioridade que pode ser entendida apenas considerando-a como o avesso de um Fora no qual se encontra mergulhado e do qual busca dar a ver algo. Seu fascínio pela luz e pela imaterialidade, força-nos a pensar sobre a transitoriedade das paisagens, fazendo-as como efeitos de luz, o que nos conduz, por sua vez, quase que em louca derrubada de dominós encarreirados, à afirmação das potências do falso, à abolição da verdade, porque somos levados a reconhecer que é da escuridão que se extraem as múltiplas possíveis imagens.

Seus rostos, em perfil, possuem um olhar oblíquo, não se tratando, como se pode constatar, de um olhar reto, direto. Olhar que desconversa, olhar que diverge, olhar que bifurca a imagem em outras possibilidades. Para onde olham os olhos dos Perfis? Gostaríamos de supor que estes olhares nos indicam uma certa dimensão transversal do próprio olhar, situando-o para além das tradicionais posições hierárquicas – vertical e horizontal.

Olhares a-nárquicos? Olhares oblíquos que transpassam todo o seu foco, cortam-no de forma a captá-lo em diferenciados platôs, olhares-travessia ao fundo da terra, que podem vir a nos colocar rastejando nas zonas de fronteira, entre o informe e o formado, posicionados na membrana tênue que ao nos dar solo, ao nos sustentar como um fundo, também denuncia o sem-fundo que lhe é contíguo? A Obra nos aponta um olhar para além do visível, um olhar contaminado e contagiante e que, de um só golpe, revela, entremeados, mundo e sujeito, porque o que o artista produz se coloca na justa medida daquilo que o olha e afeta. Neste sentido, o que Schwanke viu, produziu-lhe uivos, uivos de fera que vieram a ser registrados nas figuras fálicas, deformadas, impetuosas, repetitivas e mudas ... “figuras pertencentes a um humano mais interno do que externo, como nos diz o próprio artista”⁹

Gostaríamos, ainda, de problematizar algo do catalogar que, nessa dissertação, se propõe como ato. Qual arquivista se coloca, aqui, senão o cartógrafo, uma vez que aquele que quer catalogar a existência de um cometa, além de saber de sua viagem, deve

⁸ Passetti, Edson. *Éticas dos amigos. Invenções libertárias da vida*. São Paulo: Ed. Imaginarium, 2003. p. 128.

⁹ Marmo, Alena Rizi. *Perfis de Schwanke. Catalogação das obras em acervos institucionais*. Dissertação de Mestrado do PPGAV/UFRGS. 2005.

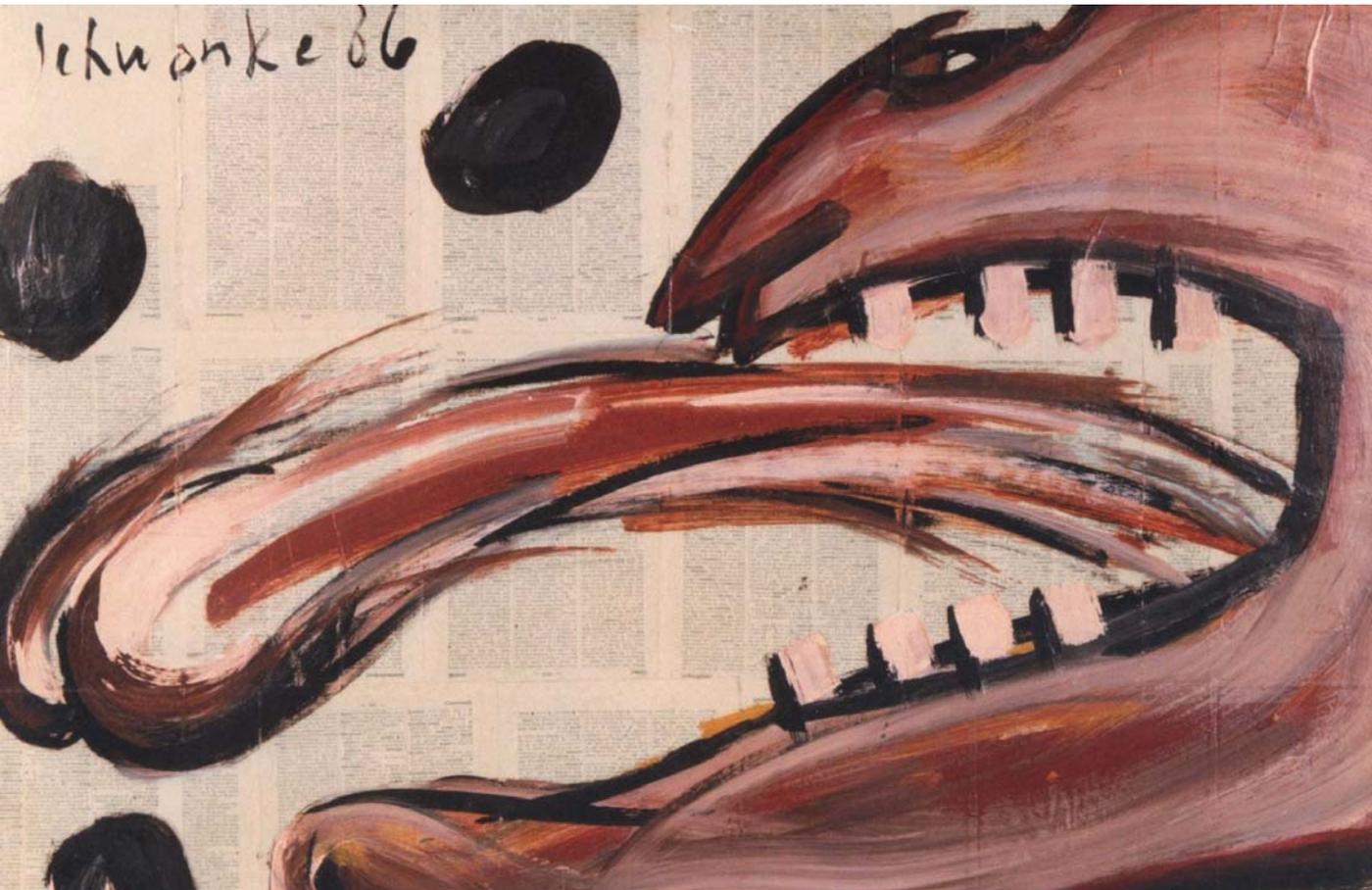
antes de tudo estar arrastado pelos rastros de sua poeira luminosa e de sua beleza que rasga o infinito como clarão!

Ao localizar pistas daquilo que já foi cometa, perseguir as poeiras daquele fogo que singrou a escuridão dos céus, o cartógrafo deve supor encontrar-se *a posteriori* aos fatos, e, então, ele necessita entender que é preciso relançar o acontecido nas condições que o tornaram possível. Deve sondar, rondar, perseguir os inúmeros e ínfimos movimentos que, em seus enrolamentos, fizeram-se fundação/solo para a existência da obra. Deve acontecimentalizar o acontecido, relançá-lo ao intrincado de suas misturas, recriando, assim, o já-criado a partir do in-criado. Nesta perspectiva, o cartógrafo-arquivista também entende que as molduras da obra, seus contornos, apenas se referem a uma espécie de fio que envelopa as forças vivas que nela atuaram e atuam.

Colocamo-nos em pleno acordo com o olhar crítico apontado por Basbaum.¹⁰ Ele nos parece combater aquele olhar generalizante e universalizante que retiraria a obra de sua singularidade. A problemática, aqui, parece interessante aos propósitos da produção de conhecimento no campo das artes visuais: problematizar o olhar, seja do artista, do espectador e do próprio crítico levando-os a questionar o objeto de sua contemplação sob o signo da emergência do novo.

10

Basbaum, Ricardo (org.). Arte contemporânea brasileira: texturas, dicções, ficções, estratégias. Rio: Rios Ambiciosos, 2001.



E, assim, colocam-se pressupostos de um certa escolha, que denominamos, aqui, de ética-estética: tanto podemos escolher o caminho da citação historicizada e, ao cheirar os ares do tempo, aplicá-la a determinada produção artística com o ímpeto de classificá-la e tipificá-la, quanto podemos buscar ultrapassar o que está ali posto aos nossos olhos, as obras, as cartas, as reportagens, os ditos e os escritos. Rasgá-los e, talvez, mesmo lutar contra eles para verdadeiramente acontecimentalizá-los e devolvê-los ao tempo de sua criação. Perfurar as evidências, como fez Schwanke em muitas de suas Caras, caras perfuradas para, através de tais aberturas, dar a ver em cima de que matéria estão boiando e de que feridas elas se fazem curativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASBAUM, Ricardo (org.) Arte Contemporânea Brasileira: texturas, dicções, ficções, estratégias. Rio: Rios Ambiciosos, 2001.
- DELEUZE, Gilles. L'Île Déserte. Paris: Les Éditions de Minuit, 2002.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. O que é Filosofia? Rio: Ed. 34, 1992.
- _____. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. V.3. Rio: Ed. 34, 1996.
- GIACÓIA, Oswaldo. Entrevista. In: Cadernos de Subjetividade. V.2, n.1-2,mar/ago. set/fev. 1994.
- LÉVY, Pierre. Plissê Fractal. In: Cadernos de Subjetividade. O reencantamento do Concreto. São Paulo: Hucitec, 2003.
- NARLOCH, Charles. Schwanke, o poeta da luz. In: Jornal A Notícia. 26.nov.2001, apud, Marmo, Alena Rizi, Dissertação de Mestrado. 2005.
- MARMO, Alena Rizi, Perfis de Schwanke. Catalogação das obras em acervos institucionais. Dissertação do PPGAV/UFRGS, dez. 2005.
- PASSETTI, Edson. Éticas dos amigos. Invenções libertárias da vida. São Paulo: Ed. Imaginarium, 2003.
- PELBART, Peter Pál. Vozes da desrazão no teatro da loucura. Texto inédito, ainda não publicado, 2005.
- SHWANKE, Luiz Henrique. Fragmento de texto escrito pelo artista pertencente ao acervo da família. s/d.



TANIA MARA GALLI FONSECA Psicóloga, doutora em Educação, Professora dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional e Informática Educativa, autora de Gênero, Subjetividade e Trabalho (Ed. Vozes) e organizadora de Cartografias e Devires: a construção do presente (Ed. UFRGS), Corpo, Arte e Clínica (Ed. UFRGS), Formas de ser e habitar a contemporaneidade (Ed. UFRGS), coordenadora da Coleção Cartografias (Editoras UFRGS e Sulina).